

Perspectivas de leituras dos poemas - canções de Chico Buarque de Holanda: uma prática viável na sala de aula

Maria de Nazaré Serra Silva e Guimarães

(UFMG)

*Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é. A coisa mais fina do
mundo é o sentimento
(Adélia Prado)*

Nessa comunicação de pesquisa cujas palavras chaves são leitura e poema-canção não há como abdicar do sentimento, principalmente quando é ele que levará o aluno leitor, num primeiro momento, a consumir o texto, entregue a esse prazer...

Quando falo de leitura e poema canção, ou melhor, leituras de poemas-canções como uma prática viável na sala de aula, é preciso conceituar leitura e justificar a minha escolha pelos poemas-canções de Chico Buarque.

Por leitura entendo “um processo de compreensão abrangente de expressões formais e simbólicas não importando por meio de que linguagem.¹ Somos todos leitores, em todos os tempos, da palavra oral e escrita, sem nos esquecermos também de nossas leituras de linguagens não verbais. O processo de compreensão de um texto certamente não exclui a articulação entre as várias linguagens que o constituem.

Entretanto a escola tem excluído a relação do sujeito-leitor com outras linguagens que não a verbal (a da música, da pintura, do cinema, entre outras) e a sua prática de leitura não escolar.

Foi pensando nisso que escolhi trabalhar com poemas-canções do nosso consagrado artista Chico Buarque. Para resgatar – ao lado da leitura do poema – enquanto linguagem verbal – a leitura de sua música – ou melhor, de suas canções. Mais: para resgatar a leitura dos poemas-canções.

¹ ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez Editora, 1988. p. 7.

Estou convencida de que a competência para criar ou ler se concretiza tanto por meio de textos escritos, quanto de expressão oral, música, artes plásticas, artes dramáticas ou de situações da realidade objetiva como trabalho, lazer, etc.

Fica bem claro também que, nesse trabalho, não mantive a visão da leitura confinada à escrita. De outro modo, busquei promover leituras da música de Chico, levando o leitor a trabalhar a sua sensibilidade no sentido de entender a presença do componente musical no literário não como algo acessório, mas como elemento integrante e fundamental da criação literária.

Sem dúvida, ao trabalhar a relação linguagem verbal e musical, o meu objetivo foi o de provocar o aluno-leitor levando-o a modificar a sua história de leitura, buscando sempre a descoberta, a leitura nova toda vez que fosse possível, pois é na relação com o inesperado, o múltiplo, o diferente que vejo o ponto de partida para se avançar no processo de leitura.

Metodologia

Como a comunicação que estou apresentando contém resultados de minha pesquisa, realizada em 1994, para a análise dos dados apresentados em seguida, são necessários alguns esclarecimentos quanto à metodologia de trabalho usada: num primeiro momento, foram selecionadas 6 (seis) músicas de Chico Buarque, entre elas Pivete (Cf. anexo 1) de que me ocuparei no texto que se segue.

Numa segunda etapa, foi elaborado um questionário, visando verificar as diferenças na leitura do poema – enquanto linguagem verbal (não acompanhado pela melodia) e enquanto linguagem verbal e musical (poema acompanhado de melodia).

Esse questionário foi respondido por um grupo de alunos matriculados em Língua Portuguesa I (FALE) e Português I (COMUNICAÇÃO SOCIAL), disciplinas que eu ministrava na época.

É necessário esclarecer, ainda, que esse grupo de alunos foi dividido em dois subgrupos – um que registrava, apenas, as leituras do poema sem a música e outro, evidentemente, que se ocupava em registrar as leituras dos poemas-canções.

Perspectivas de leituras de Pivete

O que me chamou a atenção, logo de início, foi a diferença nas leituras dessa música, nos dois subgrupos, o que ocorreu, de modo geral, também com as outras cinco músicas selecionadas.

Para começar o trabalho de análise dos dados, passo a registrar trechos de algumas dessas leituras encontrados no subgrupo que recebeu apenas *o texto* da música de Chico.

- (1) “O texto fala de meninos de rua, seu dia a dia, a vida difícil, seus sonhos, suas malandragens...”
- (2) “A música fala de um menino de rua, de um pivete, fala de seu dia-a-dia.”
- (3) “No texto ele (o autor) fala de malandragem, mas através de uma crítica social, da pobreza de crianças que têm o seu dia-a-dia nas ruas convivendo com preconceitos, drogas. É o lado negro da malandragem”.
- (4) “O autor faz um retrato da sociedade brasileira: a situação do pivete, do menor abandonado, que passa a vida num teste de sobrevivência...”
- (5) “O texto retrata a vida do brasileiro, no seu cotidiano. O brasileiro, em sua maioria, vive na corda bamba, se virando na rua...”

Uma rápida leitura desses depoimentos nos revela que, se há informantes que foram capazes de decodificar o conteúdo literal do texto, há outros que já conseguiram ir mais longe: foram capazes de perceber, por exemplo, que Chico Buarque pretendeu fazer uma crítica social.

No entanto, esses mesmos informantes, perguntados sobre os sentimentos, sensações e emoções provocadas pelo texto, deram respostas muito parecidas, até mesmo iguais – salientando-se, entre elas, os sentimentos de pena, dó, raiva, medo e tristeza.

É como se o texto Pivete passasse uma imagem negativa, pessimista, triste da vida do brasileiro.

O subgrupo que se ocupou das músicas de Chico – conquanto a interpretação do cantor já dirigisse para uma determinada leitura – apresentou também resultados semelhantes aos do 1º grupo, no que diz respeito à leitura parafrástica (que procura repetir o que o autor disse).

Isso pode ser visto em trechos como os que se seguem:

(6) “O texto fala sobre a vida dos meninos marginalizados. De sua sobrevivência nas ruas.”

(7) “Acho que o texto é uma crítica à situação dos meninos de rua no Brasil”.

(8) “O texto fala sobre um pivete carioca que vive nas ruas”.

Entretanto, esses informantes, ao relatarem os sentimentos, emoções e sensações experimentados, ao ouvirem a música de Chico, deram respostas totalmente diferentes das do 1º grupo.

Se, nesse último, salientaram-se os sentimentos de dó, pena, tristeza, raiva, aqui os sentimentos despertados foram praticamente contrários, destacando-se, entre eles, alegria, simpatia pelo pivete, otimismo, além da alusão ao caráter cômico, lúdico e dinâmico do texto.

Isso se confirma nos seguintes trechos:

(9) “A letra musicada sugere que a vida do pivete é boa, tudo é carnaval e festa”.

(10) A música trata de um menino de rua, um pivete e fala de seu dia-a-dia, de sua realidade, de forma lúdica.”

(11) “O tom do texto é intimista, alegre, com o jeitinho do brasileiro de dar ‘glamour’ à vida difícil dos habitantes dessa terra”.

Como se vê, estamos diante de uma nova leitura, diferente e inesperada. Um novo sentido foi atribuído ao texto e são os próprios alunos que explicam essa descoberta.

Para eles,

(12) “se a melodia fosse outra, o texto poderia ter conotação até mesmo melancólica. Mas não!”

(13) “com o auxílio da melodia, o Cinco quase exalta o estilo ‘carioca de viver’”.

(14) “sem dúvida, a música tira o tom dramático do texto.”

(15) “o texto, acompanhado de melodia, realmente muda a leituras”.

(16) “através do ritmo agradável do texto, o autor tira o negativismo das atividades cotidianas do menino de rua”.

Essa nova leitura, pelo visto, foi possível graças à melodia. Parece mesmo que, no caso de Pivete, ela minimiza o teor realista do texto e uma mensagem triste se transforma em uma mensagem mais alegre, até cômica.

Como já disse no início do texto, a relação com o múltiplo, o inesperado e o diferente constitui o ponto de partida no processo de formação leitores competentes.

Essa nova perspectiva de leitura despertada pela melodia nos revela o quanto o contato com a linguagem da música pode ser enriquecedor. Repetindo as palavras de uma aluna, “a música enriquece a mensagem e faz-nos vislumbrar muito além das frias e estáticas letras do papel”.

Quem sabe se, o contato com outras linguagens não representaria novas possibilidades de ler levando a escola a se transformar no espaço onde se faria a leitura das leituras: da prosa, da poesia, da música?

Quem sabe se, assim, poder-se-ia começar uma nova prática de leitura na escola? Mais eficaz e prazerosa tanto para alunos quanto para professores?

Quem sabe se, dessa forma, o sentimento encontrasse seu lugar, ao lado de professores e alunos para sempre dentro de nossas escolas?

PIVETE (ANEXO I)

(Francis Hime - Chico Buarque)

No sinal fechado
Ele vende chiclete
Capricha na flanela
E se chama Pelé
Pinta na janela
Batalha algum trocado
Aponta um canivete
E até
Dobra a Carioca, olerê
Desce a Frei Caneca, olará
Se manda pra Tijuca
Sobe o Borel
Meio se maloca

Agita numa boca
Descola uma mutuca
E um papel
Sonha aquela mina, olerê
Prancha, parafina, olará
Dorme gente fina
Acorda pinel
Zanza na sarjeta
Fatura uma besteira
E tem as pernas tortas
E se chama Mané
Arromba uma porta
Faz ligação direta
Engata uma primeira
E até
Dobra a carioca, olerê
Desce a Frei Caneca, olará
Se manda pra Tijuca
Na contramão
Dança pára-lama
Já era pára-choque
Agora ele se chama
Emersão
Sobe no passeio, olerê
Pega no Recreio, olará
Não se liga em freio
Nem direção
No sinal fechado
Ele transa chiclete
E se chama pivete
E pinta na janela
Capricha na flanela
Descola uma bereta
Batalha na sarjeta
E tem as pernas tortas
(Arranjo e regência - Francis Hime)